

ANO XXIX - N0203

# RAEIRO DE LUZ

BOLETIM TRIMESTRAL DO CENTRO ESPÍRITA PERDÃO E CARIDADE



CONVITE  
AO ESTUDO

EDIÇÃO: JULHO - SETEMBRO 2024

# ÍNDICE

- 03** Episódios Diários
- 04** Dever e trabalho
- 05** Convite ao Estudo
- 08** Perguntas e Respostas
- 09** Examinando a Felicidade
- 11** Página de Herculano Pires
- 13** Através dos escaninhos do universo orgânico
- 14** Perante os companheiros
- 15** Vigilância
- 18** Paciência
- 19** O caso de Ferdinando Bertin explanado no livro: “O Céu e o Inferno”
- 23** Atividades Doutrinárias do CEPC
- 26** Horários

Quando der uma esmola não anuncie a todos.  
“Não saiba a sua mão direita o que faz a esquerda.”  
Ajude sem alarde, para não humilhar aquele a quem a sua generosidade ajudou.

Respeite o próximo e ajude sempre, mas em silêncio, porque o Pai, que vê em segredo, o recompensará muito mais do que o reconhecimento público que os seus atos tiverem.

De: Minutos de sabedoria | C. Torres Pastorino



Quando te sentires sitiado pelo desfalecimento de forças ou o cansaço se te insinue em forma de desânimo, para um pouco e refaz-te.

O cansaço é mau conselheiro.

Produz irritação ou indiferença, tomando as energias e exaurindo-as. Renova a paisagem mental, buscando motivação que te predisponha ao prosseguimento da tarefa.

Por um momento, repousa, a fim de conseguires o vigor e o entusiasmo para a continuidade da ação.

Noutra circunstância, muda de atividade, evitando a monotonia que intoxica os centros da atenção e entorpece as forças.

Não te concedas o luxo do repouso exagerado, evitando tombar na negligência do dever.

Com método e ritmo, conseguirás o equilíbrio psicofísico de que necessitas, para não te renderes à exaustão.

Jesus informou com muita propriedade, numa lição insuperável, que: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (João, 5:17), sem cansaço nem enfado.

A mente renovada pela prece, e o corpo estimulado pela consciência do dever, não desfalecem sob os fardos, às vezes, quase inevitáveis do cansaço.

Age sempre com alegria e produz sem a perturbação que o cansaço proporciona.

Livro: Episódios Diários  
Espírito: Joanna de Ângelis  
Psicografia: Divaldo P. Franco

# DEVER E TRABALHO

O compromisso do trabalho inclui o dever de associar-se a criatura ao esforço de equipa na obra a realizar.

\*

Obediência digna tem o nome de obrigação cumprida no dicionário da realidade.

\*

Quem executa com alegria as tarefas consideradas menores, espontaneamente se promove às tarefas consideradas maiores.

\*

A câmara fotográfica retrata-nos por fora, mas o trabalho retrata-nos por dentro.

\*

Quem escarnece da obra que lhe honorifica a existência, desprestigia a si mesmo.

\*

Servir além do próprio dever não é bajular e sim entesourar apoio e experiência, simpatia e cooperação.

\*

Na formação e complementação de qualquer trabalho, é preciso compreender para sermos compreendidos.

\*

Quando o trabalhador converte o trabalho em alegria, o trabalho transforma-se na alegria do trabalhador.

Livro: Sinal Verde

Espírito: André Luiz

Psicografia: Francisco C. Xavier



## CONVITE AO ESTUDO

Há algum tempo, em visita a um núcleo de iniciantes da Doutrina Espírita, testemunhamos lamentável engano de interpretação doutrinária. Sempre entendemos que uma tribuna espírita, ou mesmo simples reunião para exame ou debate de temas evangélico-espíritas não podem ser franqueadas a pessoas desconhecedoras do assunto a tratar, ou àqueles que têm preferência por veicular ideias pessoais. Já várias vezes temos destacado, com base nos próprios ensinamentos da filosofia espírita que opiniões pessoais absolutamente não servem à Doutrina que todos desejamos seguir.

O Espiritismo é revelação transcendente, ciência celeste que nos convida a renovar os nossos cabedais morais e intelectuais, a cultivar o bom-senso, meditar profundamente, para reconhecer que essa filosofia pelo Alto revelada, traz no seu bojo subtilezas que convém serem conhecidas antes que venhamos a apresentar-nos como expositores dos seus princípios.

Frequentemente, no entanto, assistimos a oratórias ditas evangélicas ou espíritas que mais comprometem a causa que se pretende divulgar. Temos tido notícias também de pessoas que se confundem e decepcionam diante de tais oratórias, pessoas que a elas acorrem a fim de se elucidarem, edificando-se na fé que julgam salvadora. Esse mal toma proporções mais graves quando os ouvintes são aprendizes jovens que procuram elucidação doutrinária com o fito de se orientarem seguramente para a vida, pois uma orientação falsa, baseada em sofismas ou opiniões pessoais, quer dos pontos evangélicos ou da filosofia espírita, pode até mesmo afastar da boa rota corações que anseiam pelos conhecimentos da Verdade.

O caso em pauta foi que certo adepto do Espiritismo, discorrendo sobre a crucificação de Jesus, disse a um grupo de jovens iniciantes que a morte do Mestre assim se deu devido à necessidade de um resgate; que Jesus devia à lei de Deus aquela situação, pois que era a reencarnação de Moisés e este, no seu tempo, procedera de molde a ter de expiar o próprio passado nos braços do martírio.

Não fora a presença de espírito de um participante da reunião, que corajosamente protestou o absurdo, seria consagrado como lição a um grupo de iniciantes da filosofia espírita. Diante disso, concluímos que faltou ao expositor o mais comedido conhecimento evangélico-espírita, ao passo que sobraram os sofismas sobre a lei da reencarnação. Todos os ensinamentos doutrinários que temos colhido desautorizam a declarar que Jesus tivesse tido encarnações anteriores e ainda menos que tivesse agido de forma a sofrer a expiação do suplício na cruz.

O adiantamento espiritual de Jesus perde-se na noite dos tempos, segundo reza a revelação espírita autêntica, racional, além do que afirma o Evangelho. Aquele sacrifício ele fê-lo voluntariamente, em obediência a uma necessidade prevista pelos planos divinos, para o bem dos destinos do planeta. Vindo à Terra, Jesus sabia que enfrentaria terríveis sacrifícios, o martírio da cruz inclusive; mas não vacilou, deu a própria vida espontaneamente, e isso mesmo ele afirmou diante de uma assembleia a que indivíduos comuns também estavam presentes:

- “O Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de a dar, como tenho o poder de a reassumir. Tal é a ordem que recebi de meu Pai” (João, cap. X, vv.17 e 18).

Pode-se mesmo dizer que os capítulos 10, 14, 15, 16 e 17 de João apresentam a individualidade de Jesus de tal maneira que, a aceitar o Evangelho, já não poderemos crer que ele fosse diferente. De outra forma, o alvo da vinda de Jesus a este mundo não foi, certamente, o sacrifício na cruz, mas a doutrina que ele trazia do Alto, para doar aos homens, doutrina que ele repetia não ser sua e sim do Pai, que o enviou.

O que redime a nossa personalidade não é, certamente, o facto de Jesus haver “expiado os nossos pecados no martírio da cruz”, porquanto ele próprio afirmou que “a cada um seria dado segundo as suas obras”, mas a aceitação e consequente prática da doutrina por ele exposta e praticada. O sacrifício na cruz decorreu, é certo, da maldade e da ignorância dos homens, que não compreenderam Jesus, mas jamais da necessidade de ele o sofrer para se libertar de pecados anteriormente cometidos.

Nos primeiros versículos do capítulo I de João veremos ainda que, quando se iniciou a criação da Terra, Jesus-Cristo já era unificado com o Pai: “Ele estava, no princípio, com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele; nada do que foi feito, foi feito sem ele. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandeceu nas trevas, mas as trevas não a compreenderam.”

E, de facto, as trevas não compreenderam a vida e a luz que havia nele para nos serem transmitidas, pois dois milénios após a sua passagem pela Terra ainda o confundem com João Batista, sim, porque João Batista, segundo as palavras do próprio Mestre e a apreciação da Doutrina dos Espíritos, é que foi a reencarnação do profeta Elias. Quando encarnado na pessoa de Elias, este mandara decapitar setenta sacerdotes do terrível deus Baal, a fim de garantir a ideia da existência do Deus Único e Verdadeiro.

Um compromisso grave, portanto, perante a lei de Deus, passível de punição, embora objetivasse a estabilização da ideia do verdadeiro Deus. Oitocentos anos depois, Elias reencarna na pessoa de João Batista e é decapitado durante um festim real de Herodes Antipas. É um ensinamento lógico, racional, mesmo belo, de fácil aceitação, que encontramos claramente exposto no Evangelho. A cena no Monte Tabor, em que vemos a materialização de Moisés e Elias, ao lado do próprio Jesus e dos seus apóstolos Pedro, Tiago e João é mais um desmentido categórico dessa estranha afirmativa de que Jesus e Moisés fossem o mesmo.

O estudo fiel e dedicado dos Evangelhos, portanto, e também da Doutrina dos Espíritos é indispensável àquele que deseje prestar a sua colaboração. Não se aprendem tais noções em um ou dois anos, ou apenas através de intuições ou, ainda, por ouvir falar a seu respeito. São aquisições difíceis, que requerem perseverança e muito amor, humildade e raciocínio isento de personalismo e conveniências. Há, sim, subtilezas importantes, detalhes significativos, dos quais somente após algum tempo de dedicação nos poderemos apossar.

Teremos que nos renovar para a Doutrina: aprimorar a nossa moral, educar a mente e o coração, objetivando o Bem; examiná-la, analisá-la e aceitá-la ou rejeitá-la, mas jamais deturpá-la com as nossas opiniões pessoais, sempre prejudicadas.

Convém, pois, que alijemos as ideias particulares, os preconceitos, os sofismas que nos possam levar a interpretações inverídicas diante de corações sequiosos de conhecimentos espirituais, dado que o compromisso de levar a palavra da verdade ao público é grave e poderemos passar pelo desgosto de um dia, reconhecermos que deturpamos os ensinamentos que do Alto recebemos para a nossa própria edificação, para edificação do próximo e para maior glória de Deus.

Obra: À Luz do Consolador / Yvonne do Amaral Pereira

## PERGUNTAS & RESPOSTAS

### **Toda a moléstia do corpo tem ascendentes espirituais?**

As chagas da alma manifestam-se através do envoltório humano. O corpo doente reflete o panorama interior do espírito enfermo. A patogenia é um conjunto de inferioridades do aparelho psíquico.

E é ainda na alma que reside a fonte primária de todos os recursos medicamentosos definitivos. A assistência farmacêutica do mundo, não pode remover as causas transcendentes do caráter mórbido dos indivíduos. O remédio eficaz está na ação do próprio espírito enfermo. Podeis objetar que as injeções e os comprimidos suprimem a dor; todavia, o mal ressurgirá mais tarde, nas células do corpo. Indagareis, aflitos, quanto às moléstias incuráveis pela ciência da Terra e eu vos direi que a reencarnação, em si mesma, nas circunstâncias do mundo envelhecido nos abusos, já representa uma estação de tratamento e de cura e que há enfermidades da alma tão persistentes, que podem reclamar várias estações sucessivas, com a mesma intensidade nos processos regeneradores.

Obra: O Consolador | Espírito: Emmanuel | Psicografia: Chico Xavier



# EXAMINANDO A FELICIDADE

Do egoísmo ao amor, vemos desdobrar-se a velha escala de sombra e luz, em que se gradua as forças negativas e positivas da felicidade, qual é conhecida no campo terrestre.

Entre as forças negativas, observamos aquele que exige.  
Entre as forças positivas, reparamos aquele que renuncia a si mesmo na exaltação do bem de todos.

O primeiro busca acumular valores para si próprio.  
O segundo espalha os valores recebidos.  
No egoísmo, temos paralisada a corrente da vida, gerando a treva.

No amor, possuímos o movimento divino dessa mesma vida no seu fluxo e refluxo de talentos sublimes, acendendo a claridade suscetível de conduzir-nos à imortalidade vitoriosa.

É por isso que a felicidade dos corações que a reclamam exclusivamente para si permanece envenenada pelo tédio infalível a corromper-lhe todas as alegrias, de vez que o homem, isolado no cárcere da ociosidade e da ambição, cria para si mesmo o desalento e o cansaço, como que sufocado pelas energias sem proveito de que se cerca, displicente.

Por essa razão a felicidade das almas que a dividem com os semelhantes é o júbilo crescente daqueles que descobrem a comunhão com Deus, sempre mais rica de bênçãos, à medida que as bênçãos de paz e luz se lhes fluem das mãos incansáveis e generosas.

Não te guardes na atitude infeliz da criatura que deseja ser amada, permanentemente detida entre os muros da discórdia e do ciúme, da insatisfação e do desespero, mas aprendamos com o Cristo a amar sempre, sem o propósito de qualquer retribuição, porque, renunciando em benefício dos outros e servindo constantemente, ainda mesmo na cruz, seguiremos com Ele ao encontro da felicidade incorruptível e eterna.

Do livro: Inspiração  
Espírito: Emmanuel  
Psicografia: Francisco C. Xavier

# Página de Herculano Pires

## O CENTRO ESPÍRITA, A SUA FUNÇÃO E SIGNIFICAÇÃO

“O Centro Espírita não é tempo nem laboratório - é, para usarmos a expressão espírita de Victor Hugo: point d’optique do movimento doutrinário, ou seja, o seu ponto visual de convergência. Podemos figurá-lo como um espelho côncavo em que todas as atividades doutrinárias se refletem, se unem, projetando-se conjugadas no plano social geral, espírita e não espírita. Por isso mesmo, a sua importância, como síntese natural da dialética espírita, é fundamental para o desenvolvimento seguro da Doutrina e das suas práticas. Kardec avaliou a sua importância no plano da divulgação e da orientação dos Grupos, explicando ser preferível a existência de vários Centros pequenos e modestos numa cidade ou num bairro, à existência de um único Centro grande e sumptuoso.

Um Centro Espírita pequeno e modesto - como na maioria o são - atrai as pessoas realmente interessadas no conhecimento doutrinário, cria um ambiente de fraternidade ativa em que as discriminações sociais e culturais desaparecem no entrelaçamento de todos os seus componentes, considerados como colaboradores necessários de uma obra única e concreta.



O ideal é o Centro funcionar em sede própria, para maior e mais livre desenvolvimento dos seus trabalhos, mas enquanto isso não for possível, pode funcionar numa sala cedida ou alugada, numa garagem vazia ou mesmo numa dependência de casa familiar. As objeções contra isso só podem valer quando se trate de casas em que existam motivos impeditivos materiais ou morais.

Muitos Centros Espíritas surgiram do desenvolvimento de grupos familiares, desligando-se mais tarde da residência em que se formara. A alegação de que a casa fica infestada ou coisas semelhantes é contraditada pela experiência. Um trabalho de amor ao próximo feito com sinceridade e intenções elevadas, conta com a proteção dos Espíritos benevolentes e a própria defesa das suas boas intenções. Os Centros oriundos de grupos familiares mostram-se mais coesos e mais abertos conservando a seiva fraterna da sua origem. É esse o clima de que necessitam os trabalhos doutrinários.

Organizado o Centro, com uma denominação simples e afetiva, com o nome de um Espírito amigo ou de uma figura espírita abnegada, de pessoa já desencarnada, preparados, aprovados em assembleia geral e registados os estatutos, a sua função e significação estão definidos como estudo e prática da Doutrina, divulgação e orientação dos interessados, serviço assistencial aos espíritos sofredores e às pessoas perturbadas, sempre segundo a codificação de Allan Kardec. Sem Kardec não há Espiritismo, há apenas mediunismo desorientado, formas do sincretismo religioso afro-brasileiro, confusões determinadas por teorias pessoais de pretensos mestres. Dirigentes, auxiliares e frequentadores de um Centro Espírita bem organizado sabem que a obra de Kardec é um monumento científico, filosófico e religioso de estrutura dinâmica, não estática, mas cujo desenvolvimento exige estudos e pesquisas do maior rigor metodológico, realizadas com humanidade, bom senso, respeito à Doutrina e condições culturais superiores. Opiniões pessoais, palpites de pessoas pretensiosas, livros mediúnicos ou não de conteúdo mistificador, cheios de absurdos ridículos - seja o autor quem for - não têm nenhum valor para um verdadeiro centro espírita.”

Livro: O Centro Espírita

Autor: J. Herculano Pires

# ATRAVÉS DOS ESCANINHOS DO UNIVERSO ORGÂNICO

De todas as funções gerais que caracterizamos os seres viventes, somente os fenômenos de nutrição podem se estudados pela perquirição científica e, mesmo assim, imperfeitamente. Além das operações comuns, que se efetuam automaticamente, há uma força inerente aos corpos organizados, que mantém coesas as personalidades celulares, sustentando-se dentro das particularidades de cada órgão, presidindo aos fenômenos partenogenéticos da sua evolução, substituindo, através da segmentação, quantas delas se consomem nas secreções glandulares, no trabalho mantenedor da atividade orgânica.

Essa força é o que denominais princípio vital, essência fundamental que regula a existência das células vivas, e no qual elas se banham constantemente, encontrando assim a sua necessária nutrição, força que se encontra esparsa por todos os escaninhos do universo orgânico, combinada às substâncias minerais, azotadas e ternárias, operando os atos nutritivos de todas as moléculas. O princípio vital é o agente entre o corpo espiritual, fonte da energia e da vontade, e a matéria passiva, inerente às faculdades superiores do Espírito, que o adapta segundo as forças cósmicas que constituem as leis físicas de cada plano de existência, proporcionando essa adaptação às suas necessidades intrínsecas. Essa força ativa e regeneradora, de cujo enfraquecimento decorre a ausência de tônus vital, precursor da destruição orgânica, é simplesmente a ação criadora e plasmadora do corpo espiritual sobre os elementos físicos.

O corpo espiritual não retém somente a prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica; é também ele a sede das faculdades, dos sentimentos, da inteligência e, sobretudo, o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios da sua identidade, através de todas as mutações e transformações da matéria.

Livro: Emmanuel  
Espírito: Emmanuel  
Psicografia. Francisco C. Xavier

# PERANTE OS COMPANHEIROS

**“Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros”, Jesus - (João, 13:35)**

Guardar comunicabilidade e atenção ante os companheiros de luta, ainda mesmo para com aqueles que se mostrem distantes do Espiritismo.

Todos somos estudantes na grande escola da Vida.

Respeitar todos os nossos irmãos, sejam eles nossos vizinhos ou não, estejam presentes ou ausentes, sem nunca descer ao charco da leviandade que gera a maledicência.

Quem reprova alguém connosco, decerto que nos reprova perante alguém.

Quando emprestar objetos comuns, não porfiar sobre a sua restituição, sustentando-se firme, no propósito de auxiliar os outros de boamente, naquilo em que lhes possa ser útil.

Desapego é alicerce de elevação.

Perdoar sem condições àqueles que não nos correspondam às esperanças ou que direta ou indiretamente nos prejudiquem, inclusive os obsessores e outros irmãos infelizes.

Perdão nas almas, luz no caminho.

Fugir de elogiar companheiros que estejam agindo de conformidade com as nossas melhores aspirações, para não lhes criar empecilhos à caminhada enobrecedora, embora nos constitua dever prestar-lhes assistência e carinho para que mais se agigantem nas boas obras.

O elogio é sempre dispensável.

Suprimir toda a crítica destrutiva na comunidade em que aprende e serve.

A Seara de Jesus pede trabalhadores decididos a auxiliar.

Coibir-se de qualquer acumpliciamento com o mal, a título de solidariedade nesse ou naquele sentido.

Quem tisona a consciência, desce à perturbação.

Nunca fazer aceção de pessoas e nem demonstrar cordialidade fraterna somente em circunstâncias que lhe favoreçam conveniências e interesses materiais.

A Lei Divina regista o móvel de toda ação.

Livro: Conduta Espírita  
Espírito: André Luiz  
Psicografia: Waldo Vieira



# VIGILÂNCIA

As condições em que despertaremos, na Espiritualidade, após a morte corporal, dependem, efetiva e indisfarçavelmente, do nosso estado evolutivo.

Do rumo que tivermos imprimido aos nossos passos.

Do esforço evangélico empreendido.

Da maneira como tivermos sabido valorizar o tempo.

O Espiritismo tece sobre este assunto, oportunas e valiosas considerações, aclarando assim, o pensamento do Mestre.

A situação do homem, após a desencarnação, suscita o interesse para os primeiros instantes de vida na esfera subjetiva!

O acordamento, em si mesmo, como fenómeno insólito, estranho, surpreendente, inesperado.

A recuperação gradual da memória, no perispírito, com a conseqüente lembrança dos factos que nos poderão dar paz ou desassossego.

O reencontro com amigos e adversários, em planos determinados pelo nosso peso específico.

A resposta da Lei à nossa vigilância na fraternidade ou à nossa insensatez ante a grandeza da vida, mediante indefiníveis júbilos ou insuportáveis tormentos.

O conhecimento, espontâneo ou compulsório, segundo as circunstâncias e necessidades educativas, de outras existências, assinalando, nos quadros da memória supranormal, reminiscências suaves e doces, ou dolorosas e amargas.

O grau, a natureza, a duração dos nossos retrospectos mentais.  
Tudo isso, expressando a realidade imanente, condicionar-se-á aos próprios valores morais e espirituais de quem parte no rumo da Eternidade...  
Resultará do plantio que tivermos feito, pois colheremos o que semeamos.  
Representará a indefetível reação da Lei às nossas atitudes, palavras e pensamentos na vida terrena, onde, há cerca de dois milénios, vimos caminhando sob a luz do Evangelho da Redenção.  
Tudo isso - repetimos - dependerá da maior ou menor firmeza com que nos tivermos conduzido no mundo.  
A palavra de ordem, portanto, enquanto estamos no plano físico deve ser: vigilância, vigilância, vigilância ...  
Evidentemente, o Mestre não pede santificação da noite para o dia. Ninguém adormece pecador, para despertar angelizado.  
Mas é possível ao homem deitar-se vazio de ideias nobilitantes, escravo da preguiça e da incerteza, descrente e amorfo, e levantar-se, na manhã seguinte, renovado e feliz, desejoso de trocar o encardido vestuário da indolência e da irresponsabilidade pela túnica singela, mas bem cuidada, do servidor operoso.  
A santificação, de facto, exige muito; mas a boa vontade custa menos. Há um ditado, bem conhecido, que assegura - "A noite é boa conselheira". Contudo, aqueles que o divulgam ignoram, na sua maioria, a substância, a essência do enunciado popular.  
O Espiritismo faz luz sobre o assunto. Explica que, ao adormecermos, o nosso Espírito, parcialmente liberto, reúne-se, em certas ocasiões, a entidades amigas e generosas que lhe transmitem sábios conselhos, preciosas advertências, sugestões benevolentes que nos fazem despertar mais felizes, mais esperançosos, mais lúcidos, mais inspirados na solução dos problemas da vida.  
No jogo das aparências, em que se comprazem os homens, de facto é a noite "boa conselheira".  
Na realidade, porém, excelentes companheiros - carinhosos instrutores espirituais - é que nos esperam, durante o repouso físico, para traçarem valiosas diretrizes que possibilitem o equacionamento de complexas questões da nossa experiência evolutiva.  
Urge, pois, exerçamos a vigilância.  
Preservemos a saúde do corpo e a harmonia de Espírito.  
Santifiquemos os olhos diante do mal.  
Eduquemos o ouvido.  
Controlemos a língua.  
Imprimamos direção evangélica aos nossos passos.  
Evitemos animosidades - monstros que se prolongam além da vida física.  
Absorvamos, enfim, o perfume que se evola das eternas lições que o Divino Amigo nos legou, cingindo os nossos corpos e acendendo as nossas candeias.

\*\*

Enquanto, no mundo, é possível refletir com segurança e agir com relativo equilíbrio. No entanto, após o desenlace corporal, quando se patenteiam e se evidenciam os nódulos espirituais e os desajustes psíquicos, o problema da segurança e do equilíbrio torna-se menos fácil. Sem o refúgio do vaso físico, a preservá-lo do assédio das sombras, a alma que se não movimentou no bem recompor-se-á com mais dificuldade.

Imprevisível é a hora da grande transição. Compete-nos, destarte, permanecer em vigilância, na identificação com o Reino de Deus e Sua Justiça, a fim de que partida e chegada não sejam ocorrências dolorosas. Especialmente a chegada. Viver no bem-aprendendo e servindo, amando e perdoadando para que o adormecer seja suave, e o despertar sublime.

Cinjamo-nos, pois, com a túnica da benevolência e do perdão incondicional, para que a candeia da fé e do conhecimento superior ilumine os nossos passos, além da morte, assegurando-nos, assim, a alegria que se não extingue. E a felicidade que se não acaba...

Do Livro: Estudando o Evangelho  
Por: Martins Peralva



# A PACIÊNCIA

A dor é uma bênção que Deus envia aos seus eleitos. Não vos atormenteis, portanto, quando sofrerdes, mas ao contrário, bendizeis a Deus Todo-Poderoso que vos marcou pela dor neste mundo, para a glória no Céu.

Sede pacientes. A paciência é também caridade e deveis praticar a lei da caridade ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade da esmola dada aos pobres é a mais fácil delas. No entanto, há uma bem mais difícil e, conseqüentemente bem mais louvável, que é perdoar aqueles que Deus colocou em nosso caminho para nos servirem de teste nos nossos sofrimentos e colocar a nossa paciência à prova. Sei que a vida é difícil, ela se compõe de mil coisinhas que são como alfinetadas que acabam por ferir, mas é preciso observar os deveres que nos são impostos, as consolações e as compensações que temos em contrapartida. Então, reconheceremos que as bênçãos são mais numerosas do que as dores. O fardo parece menos pesado quando olhamos para o alto do que quando curvamos a frente para a terra.

Coragem amigos! O Cristo é o vosso modelo; sofreu mais do que qualquer um de vós e não tinha nada de que pudesse ser acusado, enquanto vós tendes o vosso passado a expiar e tendes de vos fortalecer para o futuro. Sede, pois, pacientes; sede cristãos, esta palavra resume tudo.

Livro: Evangelho Segundo o Espiritismo  
Um Espírito Amigo - Havre, 1862



# O CASO DE FERDINANDO BERTIN EXPLANADO NO LIVRO: “O CÉU E O INFERNO”

Um médium em Havre evocou um espírito feminino seu conhecido que lhe disse que sim, que gostaria de se comunicar, mas que estava com grande dificuldade e que não conseguia estabelecer a ligação, porque estava a ser forçada a permitir que espíritos infelizes sofredores se aproximassem para se comunicarem.

Deu-se de seguida uma comunicação espontânea de um espírito masculino de nome Ferdinando Bertin, que relatou estar num horrível abismo, com escuridão à sua volta, muito frio, estando repetidamente a ser tragado pelas vagas, clamando urgentemente por socorro e dizendo não ter qualquer amparo ou consolação nessa aflição.

Menciona a dor que experiência e, por sentir estar para sempre separado dos que lhe são caros, que quem o ama nunca mais terá o consolo de o tornar a ver, o que lhe acarreta muita angústia.

Vê constantemente o seu afogamento, repetidamente o seu corpo a ser balançado pelas ondas, a sofrer continuamente as lacerações desde a noite em que se afogou e pede para terem piedade dele, para orarem por ele, dizendo que tem a certeza de que as preces da sua mãe serão ouvidas. Presente que aquilo que lhe aconteceu é uma punição.

Façamos um pequeno parêntese e vejamos o que nos acrescenta O Livro dos Espíritos a respeito do assunto: presentimentos:

## **Q522: O presentimento é sempre uma advertência do Espírito protetor?**

R: O presentimento é o conselho íntimo e oculto de um Espírito que vos deseja o bem. É também a intuição da escolha anterior; é a voz do instinto. (...) desperta quando chega o momento, tornando-se presentimento.

Retomemos, novamente, o caso em estudo.

O Espírito Ferdinando Bertin, acredita que esta sua morte repara os erros do passado, que por isso o seu afogamento constituiu uma punição por atos tidos em vidas anteriores e que não é um mártir como a sua mãe acredita.

O médium na altura da comunicação não conhecia o espírito, embora mais tarde viesse a ter conhecimento, identificando-o como sendo o de uma das vítimas de uma grande catástrofe marítima ocorrida em Havre, a 2 dezembro de 1863, sendo que, a comunicação foi dada 6 dias depois do acidente, para além disso, soube que o espírito tinha perecido depois de tentativas extraordinárias em salvar a equipagem.

Kardec, visando trazer-nos mais conhecimento, questiona sobre a razão do espírito se ter comunicado por este médium, dado não ter com ele qualquer parentesco, ao invés de se poder comunicar a qualquer membro da sua família?

Como resposta é-nos esclarecido que os espíritos não encontram em todas as pessoas condições fluídicas imprescindíveis à manifestação, e que o espírito, estando muito perturbado, não teve liberdade de escolha, tendo sido conduzido instintiva e atrativamente para o médium, dado este ter aptidões essenciais para este género de comunicações; para além de poder ter tido, também, uma simpatia particular para com o seu sofrimento. Esclarece, ainda, que a família do espírito não simpatizava com o Espiritismo e que, por isso, não acolheria bem a manifestação.

Embora o desencarne tivesse ocorrido há 6 dias, o espírito experimentava ainda todas as angústias, não tinha consciência da situação e acreditava estar vivo, a lutar com as ondas, mas ao mesmo tempo, falava do seu corpo como se este estivesse separado, gritando por socorro, dizendo que não queria morrer... mencionava, também, a causa da sua morte, reconhecendo nela um castigo! Esta incoerência de pensamentos denota grande confusão de ideias, o que é comum nos casos de desencarnações violentas.

Dois meses mais tarde, a 2 fevereiro de 1864, houve outra comunicação espontânea através do mesmo médium. Nesta comunicação, o espírito refere que a piedade e preces sentidas pelo médium e por outras almas, lhe estavam a aliviar os sofrimentos e lhe faziam entrever a esperança no fim da sua tortura, entrever o perdão, mas que sabe que antes tem de passar pelo castigo da falta cometida. Menciona ainda o grande alívio que sente ao se poder comunicar com o médium.

Dias depois, numa reunião espírita em Paris, o espírito respondeu a perguntas que lhe foram dirigidas, desta vez através de outro médium. A resposta a estas perguntas constituía um ensino para nós e um alívio para ele, estando certo de que a sua sincera confissão iria ser tida em conta pela misericórdia Divina solicitada nas preces dos colaboradores na reunião.

O espírito explicou que não podia responder facilmente às questões levantadas e que se encontrava numa situação horrível. Que parecia impossível uma criatura humana poder sofrer de modo tão cruel como ele sofria, e que agradecia a todos os que se tinham interessado pelo seu grande sofrimento.

Esclarece, ainda, que foi trazido à presença do médium por força estranha à sua vontade, que não sabia explicar, e que tinha utilizado o corpo físico do anterior médium, como estava agora a utilizar o do presente médium, como se do seu próprio corpo se tratasse.

O espírito inicialmente não se sentia com forças para confessar a razão da sua dor, a qual só conseguiu mencionar após ajuda que lhe foi prestada. Confessou então que era muito culpado (entenda-se, responsável) e que, o que mais o torturava, era ser considerado, erradamente, um mártir, porque na existência anterior tinha mandado ensacar e deitar ao mar vários indivíduos.

Comentário de São Luís: Refere que a confissão do espírito lhe trouxe grande alívio e que efetivamente ele era muito culpado em atos praticados na penúltima existência. Refere, no entanto, que nesta sua última existência o espírito teve um comportamento honrado e que tinha sido muito estimado pelos seus chefes; que isto tinha sido fruto do seu arrependimento e das suas boas resoluções tomadas antes de encarnar, e que tinha desejado ser tanto humano quanto fora cruel anteriormente. O devotamento demonstrado era uma reparação que tinha proposto fazer, mas que ainda era necessário resgatar as faltas passadas com uma expiação final, que foi a morte que o mesmo teve por afogamento.

Menciona, ainda, São Luís que o facto de o espírito ser julgado como herói e mártir transformava-se num grande sofrimento para este, dado ele saber que era culpado, mas que a misericórdia Divina iria levar esse sentimento de humildade em consideração. Esclarece, São Luís, que finalizada que foi a sua expiação, o caminho seguinte será o da sua reabilitação, e para o qual as preces que lhe sejam dirigidas constituirão forte sustentáculo na sua firmeza e resolução para seguir o caminho correto.

Recorramos, agora, à obra magna que nos ilumina a caminhada - **O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo V - Bem-aventurados os aflitos, item 6:**

*Mas se há males, nesta vida de que o homem é a própria causa, há também outros estranhos à sua vontade que parecem golpeá-lo por fatalidade. (...) Assim também os acidentes que nenhuma providência pode evitar. (...) todo o efeito tem uma causa e desde que se admita a existência de um Deus justo, essa causa deve ser justa. Ora, a causa sendo sempre anterior ao efeito, e desde que não se encontra na vida atual, é que pertence a uma existência anterior. (...) O homem jamais escapa às consequências das suas faltas (...) e a desgraça que (...) parece imerecida tem, portanto, a sua razão de ser.*

Através do testemunho deste espírito sofredor, pode-se inferir que:

- Os sofrimentos por causas anteriores são a consequência natural das falhas cometidas; e que se sofrermos com resignação tornamos o nosso sofrimento proveitoso para a nossa evolução;
- Por uma justiça divina justa e equitativa o Homem poderá ter de suportar o que fez os outros suportarem;
- Pela pluralidade de existências e dado a Terra ser um Mundo de Provas e Expiacões, explicam-se, assim, as diferenças na distribuição da felicidade e da infelicidade entre os vários espíritos que nela habitam;
- As tribulações da vida podem ser aceites e livremente escolhidas pelos espíritos arrependidos que querem reparar o mal que fizeram e tentar fazer melhor;
- Deus, na sua Misericórdia infinita, concede ao homem a faculdade de reparação e não o condena irrevogavelmente pelas faltas cometidas.
- Deus estende-nos sempre os braços, dando-nos novas oportunidades. Saibamos aproveitar cada uma delas.

E, finalizaremos esta reflexão, com duas questões contidas no livro que possibilitou a chegada do Espiritismo à Terra - O Livro dos Espíritos:

**L.E., Q 258-a: Não é Deus quem lhe impõe as tribulações da vida, como castigo?**

R: Nada acontece sem a permissão de Deus (...) dando ao espírito a liberdade de escolha, deixa-lhe toda a responsabilidade dos seus atos e das suas consequências (...), mas se sucumbir ainda lhe resta uma consolação, a de que nem tudo se acabou para ele, pois Deus na sua bondade, permite-lhe recomeçar o que foi mal feito.

**L.E., Q 259: Se o espírito escolhe o género de provas que deve sofrer, todas as tribulações da vida foram previstas e escolhidas por nós?**

R: (...) Escolheste o género de provas: os detalhes são consequência da posição escolhida (...) o Espírito sabe que (...) terá de passar por esse género de lutas, e sabe de que natureza são as vicissitudes que irá encontrar, mas não sabe quais os acontecimentos que o aguardam. Os detalhes nascem das circunstâncias e da força das coisas.

Maria Gabriela

Grupo de Estudos Espíritas Camilo - CEPC

**Bibliografia:**

- Kardec, Allan, O Céu e Inferno ou Justiça Divina Segundo o Espiritismo- Segunda Parte – Cap. IV – Espíritos Sofredores – Ferdinando Bertin;
- Kardec, Allan, O Evangelho Segundo o Espiritismo;
- Allan Kardec, O Livro dos Espíritos.

# Atividades Doutrinárias no CEPC



DIÁLOGOS  
ESPÍRITAS

1º DOMINGO DE CADA MÊS

## COMO EDUCAR A MEDIUNIDADE



**João Luiz Batista**

**7 de julho de 2024  
17h00 - 19h00 (presencial)**

CENTRO ESPÍRITA PERDÃO E CARIDADE | RUA PRESIDENTE ARRIAGA, 124, LISBOA  
TEL: +351 21 397 52 19  
GERAL.CEPC@GMAIL.COM | WWW.CEPERDAOECARIDADE.PT

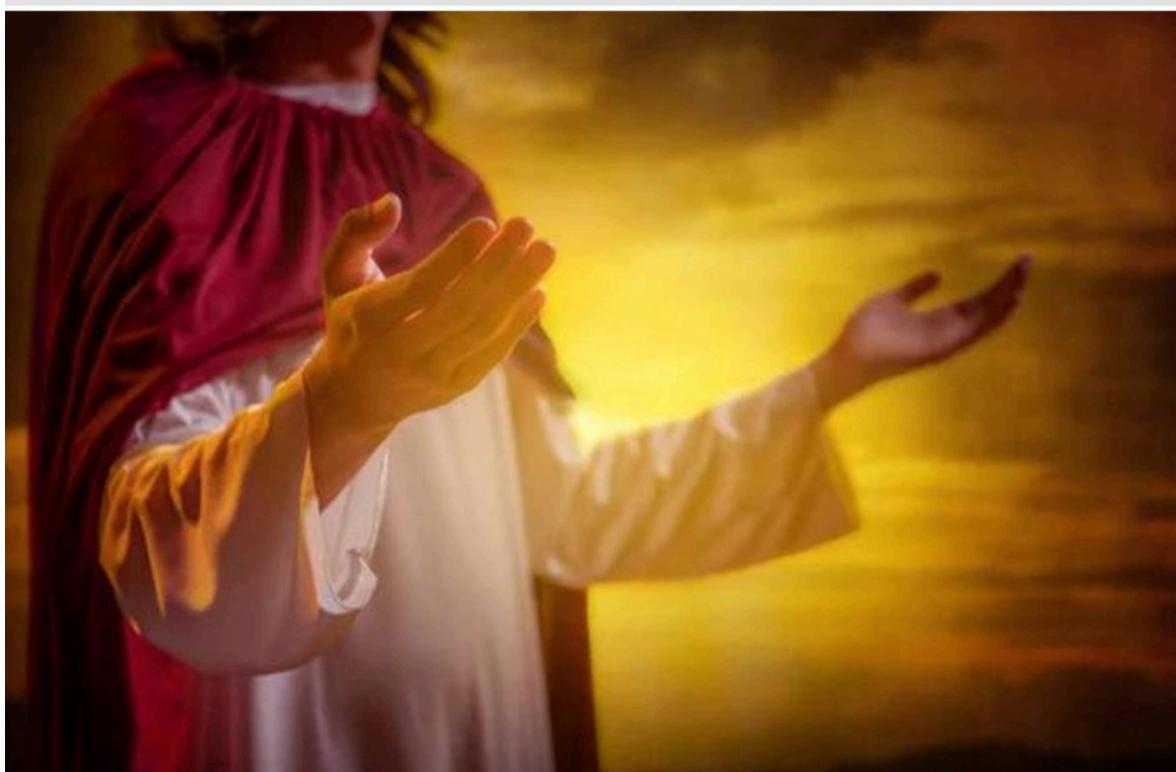
# Atividades Doutrinárias no CEPC



DIÁLOGOS  
ESPÍRITAS

1º DOMINGO DE CADA MÊS

## PERFEIÇÃO MORAL



### Inês Ferreira

**4 de agosto de 2024**  
**17h00 - 19h00 (presencial)**

CENTRO ESPÍRITA PERDÃO E CARIDADE | RUA PRESIDENTE ARRIAGA, 124, LISBOA  
TEL: +351 21 397 52 19  
GERAL.CEPC@GMAIL.COM | WWW.CEPERDAOECARIDADE.PT

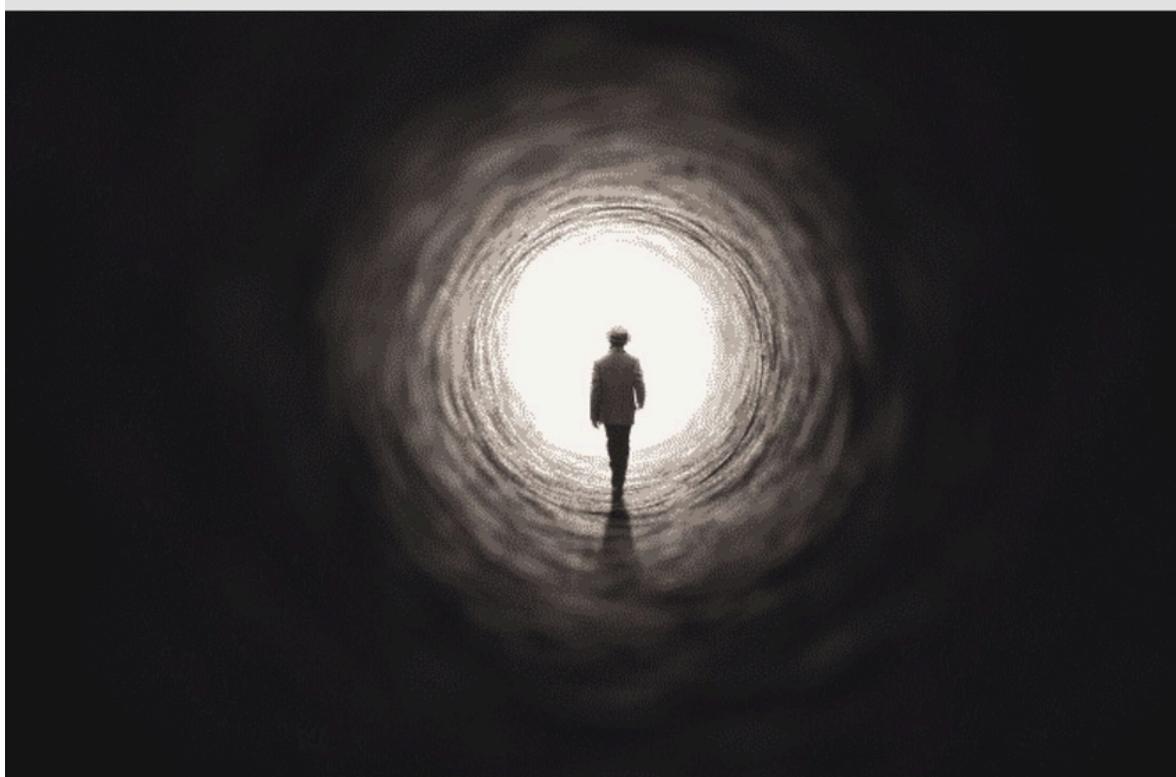
# Atividades Doutrinárias no CEPC



DIÁLOGOS  
ESPÍRITAS

1º DOMINGO DE CADA MÊS

## REGRESSO À VIDA ESPIRITUAL



**Cristina Mota**

**1 de setembro de 2024  
17h00 - 19h00 (presencial)**

CENTRO ESPÍRITA PERDÃO E CARIDADE | RUA PRESIDENTE ARRIAGA, 124, LISBOA  
TEL: +351 21 397 52 19  
GERAL.CEPC@GMAIL.COM | WWW.CEPERDAOECARIDADE.PT

# HORÁRIOS

## **Segunda-feira**

17h30 - 18h00 Atendimento Pessoal  
18h15 - 19h15 Grupo de Estudo "Herculano Pires"  
19h30 - 20h00 Palestra Evangelho e Passe Magnético  
20h00 - 21h30 Atividade Privada

## **Terça-feira**

20h00 - 21h30 Atividade Privada

## **Quarta-Feira**

17h30 - 19h00 Atendimento Pessoal (s/marcação e por ordem de chegada) (online / marcação Tel. 911 085 036)  
19h30 - 21h00 Curso Básico de Espiritismo \*  
19h30 - 20h45 Curso do Evangelho Segundo o Espiritismo \*

## **Quinta-Feira**

18h30 - 20h00 Atividade Privada  
19h00 - 20h00 Curso de Educação da Mediunidade I \*  
20h30 - 21h30 Curso de Educação da Mediunidade II \*  
20h30 - 22h00 Atividade Privada

## **Sexta-Feira**

17h00 - 19h00 Atendimento Pessoal / marcação Tel. 911 085 036  
21h00 - 22h00 Palestra Evangelho e Vibrações  
ID 836 2031 7803 Senha 000744

## **Sábado**

14h30 - 15h45 Atendimento Pessoal  
14h30 - 15h45 Grupo de Jovens "Francisco de Assis"  
16h00 - 17h15 Departamento Infanto-Juvenil (DIJ) \*  
16h00 - 17h30 Palestra Pública presencial e Passe Magnético (c/transmissão via zoom ID 836 2031 7803 Senha 000744)  
17h00 - 17h45 Atendimento Pessoal  
18h00 - 19h00 Grupo de Estudo "André Luiz"  
18h00 - 19h30 Grupo de Estudos Espíritas "Camilo"

## **Domingo (1º domingo /mês)**

15h00 - 16h30 Projeto Medicina e Espiritismo (Grupo de Estudos)  
17h00 - 19h00 Diálogos Espíritas - Palestra Pública presencial

*\* Grupos de formação doutrinária sujeitos a pré-inscrição*